



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

O SHOPPING É BRANCO

Marcos Roberto Inhauser

Como todo brasileiro classe média, vou aos shoppings para lazer e compras. Nestas incursões tenho o hábito de sentar e observar pessoas. Não foi uma nem foram duas as vezes em que me sentei no Iguatemi ou Galeria e observei as pessoas.

Uma coisa que me chamou a atenção nestas minhas observações é que a população que frequenta os shoppings não representa o perfil da brasileira. Estatísticas apontam que 44% da população brasileira são mulatos e negros. O que se vê nos shoppings é algo bastante diferente. Ainda que não tenha validade científica, por várias vezes me pus a contar as pessoas que passavam por mim em um determinado espaço de tempo. Nunca cheguei a mais de 2% de mulatos ou negros frequentando estes locais.

Na semana passada fui ver a Orquestra Sinfônica de Campinas e novamente o fato me chamou a atenção. Dos músicos todos, somente dois poderiam ser colocados como pertencentes a este segmento da população. Mas o que mais me chamou a atenção foi que a pessoa que colocava a partitura no pedestal para que o maestro branco não tivesse que carregá-la em suas mãos, era um negro.

Mas não é só nestes ambientes que a coisa me tem chamado a atenção. No seio das igrejas protestantes e históricas (presbiterianos, metodistas, luteranos, batistas, menonitas) também não se vê refletido o perfil de composição da sociedade brasileira. Elas são quase totalmente brancas.

As razões para a exclusão social dos negros e mulatos são muitas. Há explicações sociais, políticas, históricas, ideológicas, educacionais, e um sem fim de outras delas. Mas há também a razão teológica. Não se pode esquecer que o Cristianismo produziu alentados tratados de teologia para afirmar que os indígenas da América eram seres sem alma, sub-humanos, intermediários entre os humanos e os animais. Aí estão os escritos do sacerdote espanhol Juan Gines de Sepúlveda, que na época da colonização da América justificava com sua teologia a escravidão dos originais habitantes destas terras. Igual procedimento se deu durante o período de escravização dos africanos, mesmo porque a igreja se beneficiava das riquezas produzidas pelo tráfico de escravos. Mais recentemente a teologia fundamentalista evangélica, especialmente a vinculada a Carl McIntire, pregava que os negros eram os filhos de Cão, amaldiçoado por Noé seu pai com a cor negra.

Da mesma forma, setores pentecostais e neopentecostais, ainda que tenham mais gente mulata e negra que as igrejas históricas, têm assumido a postura questionável de demonizar e satanizar os cultos afro. As manifestações cúlteras deste segmento religioso brasileiro marcadamente composto por mulatos e negros, são alvo de constantes ataques feitos pelos pregadores/exorcistas. E isto é uma forma velada de racismo fundamentado teologicamente.

Ainda bem que nesta Conferência Mundial das Nações Unidas contra o Racismo realizada na África do Sul, o argumento teológico está sendo usado para combater o racismo. O presidente da Nigéria, Olusegun Obasanjo, caracterizou o racismo como um "pecado contra os seres humanos e contra Deus" e assinalou que "Deus criou a humanidade com toda a diversidade, de tal maneira que ela obedece a um propósito divino. A discriminação dos seres humanos por suas diferenças não é, então, simplesmente algo mau ou injusto, mas é um pecado contra Deus, o criador, e contra a humanidade".